

## Editorial

O terceiro número deste ano de **Scientiæ studia** reúne artigos que percorrem um amplo arco temático que se estende da filosofia, biologia e psicologia aos estudos sociais da ciência. Inclui, por um lado, análises histórico-conceituais sobre autores tais como Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud e Burrhus Skinner e, por outro lado, artigos envolvendo instigantes questões pertinentes à filosofia da tecnologia. Completam o número, primeiro, a entrevista concedida por Alison Wylie a uma equipe de jovens doutorandas sobre a pesquisa de gênero na arqueologia e a crítica feminista da ciência e, em seguida, três resenhas sobre livros recentemente lançados nas áreas de epistemologia e filosofia da ciência e da tecnologia.

No primeiro artigo Irene Audisio apresenta uma análise sobre o insuspeito elo existente entre a citologia de fins do século XIX e a filosofia nietzscheana. O argumento parte da crítica ao conceito de indivíduo encetada por Rudolf Virchow no âmbito da biologia celular, a qual acabou por ser transposta do plano puramente orgânico para o psicológico por Hippolyte Taine e Théodule Ribot. A autora mostra então que em repetidas oportunidades Nietzsche se refere ao indivíduo como uma multiplicidade de células, na esteira do pensamento daqueles teóricos franceses. Ao considerar o papel desempenhado pela biologia celular e pela psicologia de Taine e Ribot no pensamento nietzcheno, Audisio reconhece um traço naturalista no filósofo alemão que não costuma ser de todo explorado pelos comentadores. Em função disso, o artigo motiva novos enfoques sobre conceitos basilares tais como os de “vontade de poder” e de “super-homem” (*Übermensch*) por meio de um exame detalhado da multiplicidade constitutiva daquilo a que chamamos de indivíduo.

O mesmo tipo de reavaliação da importância do naturalismo pode ser encontrado no segundo artigo de Richard Theisen Simanke, no qual, dando prosseguimento ao seu exame sobre o conceito de instinto em Freud, ele se debruça sobre a questão da base instintual da agressividade e da autodestrutividade. O autor discute o quanto o sentido biológico do termo *Trieb* vai se tornando marginal na psicanálise, ocorrendo uma verdadeira rejeição da filiação epistemológica inicial. A interpretação proposta por Simanke deixa o caminho aberto para um proveitoso diálogo entre a psicanálise e a biologia, o que, aliás, era enfaticamente defendido por Freud. Para além dos esclarecimentos historiográficos e conceituais fornecidos detalhadamente pelo autor, discute-se também o caráter paradoxal do “instinto de morte”, que se encontra na origem da agressividade e da autodestrutividade. Como justificar biologicamente a agressividade e, principalmente, a autodestrutividade dado que elas parecem ser tendências internas para a autoaniquilação?

O artigo de Robson Nascimento da Cruz examina a carreira de outro psicólogo com inclinações epistemológicas naturalistas, o behaviorista estadunidense Burrhus Frederic Skinner. O autor detalha o percurso inicial da carreira acadêmica de Skinner na Universidade de Harvard, salientando que o psicólogo, graduado em literatura, interessava-se por questões ligadas à fisiologia e pouco se identificava com a psicologia experimental propriamente dita. Esse “desconhecimento” da psicologia experimental, associado a certo distanciamento com relação ao Departamento de Psicologia em Harvard, permitiram a Skinner desfrutar de grande liberdade

de pesquisa, sob a orientação e proteção do fisiologista William Crozier. As condições materiais e o ambiente intelectual do Departamento de Fisiologia – segundo o próprio Skinner muito superiores em relação àqueles do Departamento de Psicologia – precisam ser levados em consideração para um relato apurado da trajetória científica desse autor. Com efeito, em sua autobiografia, Skinner relata diversas vezes o quanto esse “desconhecimento” e distanciamento da psicologia experimental praticada em Harvard asseguraram-lhe a liberdade intelectual necessária para propor sua “nova” ciência do comportamento.

O quarto artigo, de Pedro Xavier Mendonça, inicia as discussões mais voltadas para a filosofia da tecnologia e os estudos sociais da ciência. O autor descreve e analisa o sistema global de posicionamento (GPS) e os dispositivos de navegação por intermédio de abordagens semióticas. Tendo como ponto de partida a semiótica tradicional, Mendonça avança em direção a uma semiótica material que propõe a incorporação da materialidade e funcionalidade dos artefatos tecnológicos. O que pretende é destacar que, para além dos aspectos puramente simbólicos, sua materialidade e funcionalidade dão ensejo a uma concepção não reducionista dos artefatos. O resultado dessa proposta é uma compreensão mais profunda do modo pelo qual o GPS e os dispositivos de navegação comerciais envolvem uma intrincada relação entre os estados nacionais, as empresas e os diversos usuários de tais sistemas tecnológicos.

Segue-se a análise de Horácio Correa Lucero sobre a questão do engajamento político nos estudos sociais da ciência. Tendo como perspectiva a teoria crítica da tecnologia de Andrew Feenberg, o autor procura compatibilizar a visão construtivista da tecnologia com elementos estruturais provenientes da tradição marxista, tais como os de classe social e de lógica do capital. Desta perspectiva, é o sistema capitalista, entendido como uma totalidade, que determina os próprios limites do desenvolvimento tecnológico. Em razão disso, Lucero defende a necessidade de uma “virada participativa” nos estudos sociais da ciência que, adotando a concepção de que a tecnologia é socialmente construída, não deixe de reconhecer a influência de fatores estruturais, tais como o capital e o mercado, no desenvolvimento tecnológico.

Encerrando o conjunto de artigos deste número, Alain Létourneau aborda a questão da expertise técnica nos assuntos relativos à governança ambiental. De maneira clara e sucinta, o autor discute o que se entende por expertise, expondo o protagonismo teórico e prático (político) exercido pelos especialistas na sociedade contemporânea e seus efeitos sobre a governança ambiental. Létourneau sustenta que a participação dos cidadãos requer um modelo informado por preocupações partilhadas, ao invés do puro e simples gerenciamento técnico por parte dos especialistas. Nesse sentido, reconhece os limites a que está sujeita a participação dos cidadãos e dos especialistas nas questões ambientais.

Na seção seguinte, Kelly Koide, Mariana Toledo Ferreira e Marisol Marini entrevistam Alison Wylie, abordando sua trajetória intelectual entre a arqueologia, a filosofia da ciência e o feminismo e discutindo questões fundamentais acerca da crítica feminista da ciência. Wylie traça um histórico dos principais trabalhos que contribuíram para o surgimento de uma arqueologia de gênero e das principais contribuições da perspectiva feminista para a teoria e a

metodologia científicas. Discutindo diferentes visões acerca da natureza e do alcance da crítica da ciência, ela propõe uma contextualização rigorosa dos ideais de objetividade científica para a produção de um “conhecimento situado estrutural”, capaz de apreender tanto o conhecimento gerado pelos grupos sociais subdominantes como os efeitos epistêmicos de condicionantes sociais nas práticas da pesquisa científica.

Concluem este número de **Scientiæ studia** três resenhas de livros recentemente publicados. Na primeira delas, Evaldo Sampaio da Silva examina o livro *Lévi-Strauss e as Américas: análise estrutural dos mitos* de Ivan Domingues. Fornecendo interessantes informações biográficas e situando o livro recente em relação às obras anteriores do autor, a resenha de Sampaio especifica o caminho percorrido por Domingues ao examinar o papel epistemológico do estruturalismo para a fundamentação das ciências humanas. Na sequência, Cristiano Cordeiro Cruz resenha o livro *Filosofia da tecnologia: um convite*, de Alberto Cupani. Segundo Cruz, o livro incursiona por área ainda relativamente carente de títulos em língua portuguesa, apresentando ampla revisão da literatura, discutindo as contribuições clássicas de Ortega y Gasset, Heidegger, Gehlen e Simondon à filosofia da tecnologia; a visão historicista de Mumford; a posição lógico-epistemológica de Bunge; as posições fenomenológicas de Ihde, Dreyfus e Borgmann; as posições mais políticas de Winner e Feenberg. Nesse percurso, permite a percepção da complexidade da tecnologia e trata de assuntos centrais como o da autonomia ou determinismo tecnológico. Por fim, José Correa Leite resenha o livro *A vast machine: computer models, climate data, and the politics of global warming*, de Paul Edwards, apresentando de maneira completa e informativa essa obra que versa sobre as multifacetadas relações entre o desenvolvimento dos computadores e as ciências do clima. De fato, os avanços na informática foram fundamentais para a formulação de modelos meteorológicos cada vez mais sofisticados, capazes de fazer previsões do tempo sequer imagináveis há algumas décadas atrás. Essa “vasta máquina”, entretanto, não é neutra, tal como não são neutras outras poderosas aplicações tecnológicas hoje disponíveis.

*Os editores*

SYLVIA GEMIGNANI GARCIA  
RENATO RODRIGUES KINOCHI